





alforria blues ou

Poemas do Destino do Mar



alforria blues ou

# Poemas do Destino do Mar

Júlia de Carvalho Hansen





# Poemas do Destino do Mar

neles quero construir uma ânfora e pintar dois círculos na cintura<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Já os poemas de *alforria blues* levam títulos com palavras, e não números romanos. Têm como subtítulo: porque deve haver um jeito mais fácil de comer romã.

*alforria blues ou Poemas do Destino do Mar*  
Júlia de Carvalho Hansen

Revisão de Marcos Visnadi  
Projeto gráfico de Luís Henriques  
ISBN: 978-85-66421-03-3

© Júlia de Carvalho Hansen e Edições Chão da Feira  
Belo Horizonte, 2013  
chaodafeira.com

A epígrafe de Iosif Brodskii é uma tradução de Carlos Leite de “Vertumno”, em *Paisagem com inundação* (Lisboa: Cotovia, 1996).



*Dedicado aos meus amigos  
Carolina, Marcos, Flavio,  
Bernardo, Daniel, Gustavo,  
Cátia, Maria, Priscila;  
e ao Gustavo.*



*Quem é capaz de me ver na mão  
a linha-vida, qual a duração?  
Quem é capaz de me informar  
se é linha recta ou se vai encurtar?  
Quem é capaz de aconselhar  
se não for certa se hei-de cortar?*

*António Variações*

*Não te surpreendas. A minha especialidade é a metamorfose.  
Quem eu olhar adquire imediatamente os meus traços.  
Isto pode ser-te útil. Bem vistas as coisas, estás no estrangeiro.*

*Iosif Brodskii*

*Chão de sal grosso, e ouro que se racha.*

*Ana Cristina Cesar*



I

Como não sei onde vamos morrer  
por baixo de um lençol branco  
só vejo nas minhas unhas um pouco sujas  
a limpeza áspera das tuas mãos.

Em outra vida talvez fôssemos nômades  
estrelas cadentes  
ou o coral que levanta das tuas cartas  
os meus pontos-finais de areia  
a água revolvida e encruzilhada.

À sombra da figueira brava que sobe pelas tuas costas  
cresce um blues furioso, uma flor  
a quem alguém chama pelo nome do futuro.

Como um deus judeu  
de cem mil nomes em segredo  
ou um vazio mais pleno do que turvo  
o que ainda não veio  
se faz de face

sorri, sugerindo o que mostra  
e estende a palma aberta  
*trouxeste o que me falta?*  
Todo meu corpo está calmo  
olho ao outro como se visitasse um aquário

entre as anêmonas do vir a ser  
a vida sem lógica sentimental dos peixes.

As pontas dos meus dedos rangem umas sobre as outras  
e só percebo esta denúncia.

## II

Meus lábios estão partidos e acho que me apaixonei.

Preciso fazer uma lista das coisas que me importam e dar pra ele.

Abacate com limão ardeu minha boca.

A água do banho estava quente e queimou meus pés.

Nunca ganhei um anel de alguém, ao que parece, ainda estou livre.

E se um dia nosso amor me encher de dúvidas, não saberei como resolvê-las.

### III

Espero a hora de dizer: o jeito que te vejo vivo em mim  
como um cavalo derrubando as paredes pelas escadarias.

O mar guardado em tuas gavetas.



## IV

*Se é ele o portador do grande coração  
e sabe abrir o seio como a terra  
temei não partam dele as grandes negações*

*Ruy Belo*

Naquela época eu acordava mais cedo do que eu  
porque era a aventura social do mundo.  
Ou a campainha. O contador da luz  
falando que veio do Castelo  
e pede *senhora, posso?, o relógio.*

Já havia um poço onde vivem de mim  
as coisas de outros tempos  
e agora querem estar a vir  
mas se sobem pela aorta  
custam a moldar uma boca.

Aberta seguro a porta  
a correr um azul fundo  
em mim – que escuro –  
é a história do tempo  
do mundo que tenho.

O cavaleiro a dizer  
*o relógio avariou-se*

entendi errado?  
ou disse *justo eu?*, *tão sem espada*  
neste país onde avisam  
*estou tão feliz*  
*que vou abraçar-te*  
*na quarta-feira.*

E os pais, os avós, os irmãos, se matam de ternura.  
Fazem o melhor que se pode das palavras.  
Depois ficam todos bêbados e atravessam enraivecidos.  
E as meninas que tapem a cara ao gozar.  
E se há crise — como há agora — param de querer  
e começam a abandonar.

Naquele tempo em que nos lugares mais inesperados  
alguém falava e recomeçava a contar a morte  
fosse ela uma paciência do que vem  
ou arrastarem-nos para fora da dança  
em toda sala um incômodo marinho sela as bocas  
alguém não para de descrever a putrefação  
a que se entregam velozes os cadáveres  
nosso corpo é levado pelos calcanhares.

Meu coração não pode.  
Meu coração perde o tecido.  
Se conforma, revigora, faz-se linho.  
Meu coração vai embora do eu  
vou-me embora disso tudo  
desligo o som das portas

vou abrir para o ninguém.  
Preciso ir. É, meu pai, preciso  
ouvir *a função dos vivos é ir sempre  
embora contra a morte.*  
*Não se degolar a própria goela  
a não ser em caso sem espera.*

*Só faça na vida as coisas que te deem prazer.*  
Mas se cortar os punhos for uma delas?  
Hora difícil, em que a dúvida penetra nos ciclos.  
Por que vivo, se sem ponteiros?

Onde bate o compasso  
pela gravidade  
do fim  
não haverá ilha do suficiente.  
Onde o mar amalgama uma película negra  
e o horizonte, vendo o barco,  
acelera e dispersa, pela frente.  
Seria preciso tomar o barco pela ponta dos dedos  
como quem faz da sutileza o ponto de ardor do petróleo  
e cortá-lo no sem tamanho  
navegá-lo como a um pano estendido  
já que o mar é o linho  
a tesoura, o barco a caminho.  
Mas é aqui, aonde venho  
por cima com o helicóptero  
que bota fogo no mar e incendeia

dedos tão ágeis quando escrevem.  
E quando o vapor atingir o continente  
a manhã será a primeira.

E inteira. Não hoje que o homem  
da luz me acordou. Amanhã.  
Amanhã desligo o som das portas.  
Vou abrir para o ninguém.  
Pois há sempre qualquer abrupto  
me gritando do escuro do poço, tudo  
puxando pela mão dos pulsos  
ajudo alguém tanto entre meus ancestrais  
que ainda em mim sobrevive  
preso  
como um favo  
o morto em mim.  
Dormimos de mãos dadas  
nesta luta, em luto também  
vamos juntos de silêncio ao muro  
onde o desencanto dos vivos  
acelera.

Dispersa, atordoada  
me quedo e engano.  
Fala o nó dos meus dedos  
murro que nunca se dá.  
Sondar, sondar  
atacar nunca

mas o exército lá  
o exército pronto e lúcido  
sobre a neve da tolerância  
há uma menina escondida  
embaixo da mesa  
seus ombros  
suportam os escombros.  
O cotidiano é o soco no tampo.  
Este nó é o calendário da sua vida.  
Há muito tempo sei  
que o que há  
de pior em mim  
é o mal.

Aparições me querem casa de viver  
como quem conta a passagem do mês  
para suportar. Insisto.  
Não sou a origem  
do que se quebrou – de cristal não sou.  
A atirar sobre os olhos uma pedra  
faço do coração escuta e espera.  
Viva em meu seio  
se a terra ressentida a raiz velha que traga  
me enterrem com ela.  
Magma e carbono não me confundem.

Entreguem-me ao sol  
vou aprender a ser vencida

há cinzas pelo chão.  
Que já é carne de gente  
nova pele para edifícios  
terra em mim que explode.  
O desperdício faz a espécie  
não me poupa de olhos  
inquirindo por dentro:  
não há o que reproduzir.  
Perde-se o fruto.

Embora tanta morte a corroer o riso  
por vezes tudo se ilumina. Canto.  
De cansaço é que não morro.  
Trinca o vidro das minhas retinas. E sangro.  
Curando os abusos na sorte de quem amo  
invento o puro, se avaria o norte. Recomeça.  
Talvez se você não desse tanta importância  
aos fatos.

V

Ver até passar

a ideia de que não consegues  
deixar

a ideia de conseguir uma ideia que leve, enleve  
vai nos reduzir o tédio, as vidas minúsculas, as letras maiúsculas,  
as escolhas de sermos as ideias de deixarmos os cavalos  
com elas, pastando, pastando a identificação

não encontro nesse 3x4 nada que seja meu  
só encontro as ideias do que gostaria que fosse eu  
e quando digo, melhor sem ideias, melhor sem eu  
isto ainda é orgulho, lento  
orgulho.

A tracejar todos os horizontes, de todos  
de dívidas imaginárias das ideias, comigo de comigo  
comigo de com ele, contigo e consigo

consigo finalmente um homem sem ideias e então  
ele me sela, ele me revigora ele é meu  
vento de viração alazão do azul parti

ção,

meu pigmento  
de seda,

## VI

Lembro da primeira vez que consegui ler um *outdoor*.  
Eu vinha de dentro das árvores.  
Eu tinha chegado na cidade  
no banco de trás do carro do meu pai.

Até então só sabia ler “abelha”  
já tinha entendido  
que Saturno tem sete anéis  
e que eu nunca iria lá

que se tivesse mãos  
para a pedra  
para a erva daninha  
para o indivisível  
seria e sou capaz  
de tanta coisa  
entre as abstrações e os canteiros.

Não aprendi a separar  
a que se mistura no alimento  
palavra que se confunde  
com tatuagem, decifração e vírus.

Como seria? Sem temer  
as conjunções, os travesseiros  
desmontados pelo uso



as pernas dos dançarinos de *twist*  
o analfabetismo matemático que reveste teus trocos  
as noites em que se ouvem os animais.

Deixar pousar  
o torvelinho nas mãos  
que faça seu ninho  
sem quebrar a joia  
que te dá o mesmo que te tira.

## VII

Sou apenas um cavalo  
o mundo não vale o mundo, meu bem  
no entanto, é ele quem me leva.

O cavalo (que vive por mim) abre mão  
de ter cascos, patas, coices,  
mas de correr no sol, não.

E quando alguém sonha e confunde  
o amor comigo, comigo o amor  
infundido, infundável, é o cavalo.

## VIII

O que eu acho que estou querendo agora é tão delicado.  
Não sei com quem falar disso.  
O que estou querendo é tão delicado.  
O delicado problemático. Sem volta.  
Entendi que pra chegar tenho que dar outra, outra volta.  
Mas não posso, meu corpo bom, trocar de terra mais uma vez.  
Vou cair em todas.  
Insuficientemente permeável à pele das cidades.  
Não reconheço nenhum canto desta sala.  
Com quem conversar o descanso?  
Metade da vida é faxina. A outra metade?  
Regresso do pó. E eu querendo algo  
agora tão, tão delicado. De passar o vento.  
Ou para sentir  
só teria que pousar as mãos no pó  
até vê-las brancas, espalmadas como um mar  
que se instalasse sobre os móveis  
mas um rabo de gato  
meu dedo na boca  
nervoso.  
Estou no raio informe.  
Se eu traçar uma circunferência estarei no raio do informe.  
Do centro dela apita uma luz que ninguém vê.  
Por onde, se mexe: é o que a luz diz.  
Aqui também, tudo manda mensagens, significa.  
Passou um barco que eu achei bonito.

Ele trazia também duas luzes.  
Piscavam querendo dizer numa linguagem que não me comunico.  
Mas alguém se comunicaria  
com as luzes do barco.  
Estou procurando um lugar de mim mesma que seja o campo de mim mesma.  
Não preventiva.  
Cansei de ser o princípio do cuidado descontrolado.  
Estou levando uma maçã pra comer mais tarde.  
Tão tranquila cidade.  
Passo a mão na água.  
Quem dera fazer, dos poemas, sinfonia.  
Fina de chiados e sintonizações, quem passasse pudesse ouvir  
como gruda o ouvido no rádio, a emancipação  
do universo feito de palavra, não encontro. Nem saliva,  
só aço. Nem tato, olfato.  
Os olhos mesmo, perfurados.  
Estou dizendo que só viverei naquele  
que se enfraquece de ternura, pena carne.

## Galope

Acordo em estado de parede. Sei que enquanto não escrever meus ombros continuarão como os tijolos empilhados. Definitivamente é hora de acordar e meus olhos se desprendem de alegria quando sacudo os pés pra um lado e outro, ainda no colchão os olhos desprendem das órbitas e começam a me olhar. Depois do café, chego na pia da casa de banho e tenho que lavar os dentes. A escova, escova. A pasta quase acabando, da próxima vez Colgate não, Couto. Couto é portuguesa. Tiro todo o açúcar do café depois do pequeno almoço para as cáries não corroerem os meus dentes. Não que eu não tenha amor pelas coisas que vivem. Não que a putrefação não seja uma forma, tão pouco sutil forma, de vida. Não que eu ache que seja capaz de conter o destino das coisas, dos meus dentes, mas definitivamente meus poemas mentais são melhores do que os escritos. O que provocará em quem lê uma vontade de estar por dentro do meu corpo, das minhas órbitas, dos meus pés. Coisa que eu até que gostaria. Por não ter onde ser colocada na minha retirada de dentro para a sua entrada, eu teria, como aquele cavalo que saiu da aldeia, definitivamente, eu teria fugido.

## Catástrofe em Paris

Alavancaram mais uma situação crítica como o eixo da situação. Escolheram as derradeiras ilhas para implodir a salvação. As ilhas do destino imaginário. Entre os náufragos, opto por ser o oráculo, escrever nada com nada e ficam me querendo a pele: a permeabilidade visionária. Mas me sinto só num sono tão antigo quanto a escrita chinesa.

(Às vezes preciso anunciar  
uma gaivota ao mar  
gaivota ao mar!)

Naufregar os parênteses até cambaleando se tornarem canoas  
ou teremos fé no que vem assim, inexperimentado?

## Agora mais sentimental

Talvez seja a idade, talvez o deserto, talvez o recesso, talvez o rancor? Quem sabe o caminho, quem sabe pro Nilo, quem sabe em viagem, quem vai de regresso?

Quem quer o que planta, quem come o que morre, quem vive o que dá?  
Quase o que sei, menos esqueci, mais me criei.

Será amanhã, por que não ontem?, virá o que fui e trará desde o fundo  
o musgo a boia o resmungo a corja a vespa e a várzea que é meu coração.

Bom mesmo será me apaixonar e fazer bobagem pra sempre.  
Ser do amor, a heroína.

## IX

Passo a manhã calculando a provável altura de um *tsunami* que viesse por debaixo do morro, me encontrasse sentada nesta porta de varanda sobre o Tejo.

Não sei, mas já me aconteceu outra vez.

A onda atravessará os homens pela minha face fazendo das raízes turbilhão. Os versos também se fazem assim, procurando o caminho por onde não podem passar.

Você também tem um *canyon* escondido? Sabe como é uma terra que se abre em duas e entre elas voam uns pássaros e nascem coisas

meu rio de sóis,

eu cego o pássaro do rio pra que ele não veja por onde nos leva.

Todo rio tem um pássaro que vive em si e eu o cego sempre.

Eu cego o pássaro de riso pelos teus olhos que se fecham.

Monto no rio, meu pássaro selado e cego, sem remetente.



X

O amor gasta  
ilharga, rumo  
porque inventa  
de novo, amor.  
Suor, fruto  
rosto nítido  
paira um ritmo  
na gruta, silêncio.

Mas se o amor gasta  
temerosos, teus receios  
e se o amor cria o dia  
de chegarmos numa praça  
em que fumo feito  
o amor desfolhe  
nicotina amarelando  
os batentes das portas  
o outono  
também pode entrar, amor.  
Amor pode pôr altifalantes  
não adianta, não avisam  
o caminho, a enxurrada. Bicicleta.

Mas se bem amadurece  
água com açúcar, dá papaia  
e o amor no máximo gasta

cáries nos dentes dos miúdos.  
Sabe bem, alisar demais  
nunca fez gastar o viço  
nem dos pelos  
do gato que te oferto no Natal  
e em seu salto matutino  
sobre nossos corpos  
desconhece o puído da vida.

O amor nos lambe áspero  
constrói-nos olhos, digo  
para ver pontes o amor  
abre as portas. Cria.  
O imaginário é meu armário.  
Onde encontro os potes de massa  
ao redor das pilhas enferrujando  
na caixa de sapatos  
junto das fotografias  
enrolado numa manta  
o amor, raro. O amor  
tira o cavalo da naftalina  
gira e grita  
grita e guia.

## XI

Temes a noite onde os nomes não se registram nos radares  
e as palavras como joelhos afastados pela mão de outro  
são caixas-pretas boiando no mais marinho dos oceanos.

Um avião cruza os ares em direção a um batizado.  
É o seu eco que cola as sílabas umas às outras  
rejuntes de significado, amálgamas do esquecimento.

Se só pensas em assentar as mais corretas maneiras  
de permanecer, feito cal, espalhado pelas espáduas  
trêmulo cimentado teu coração, um canteiro de plantio  
para as alfaces – soníferas e insípidas – do cotidiano.  
De ti, só poderei aceitar atrelar-me, como um mexilhão.

Agora sou na tua rocha. E de mim se aproxima outro,  
que os passageiros não alcançarão. Age antes de querer  
com todos os olhos de quem nunca tinha tocado bivalves  
sem enciclopédia ou Discovery Channel  
feito um miúdo se maravilha, ama as pérolas,  
sabe bem mastigá-las com os dentes até parti-las.

Como eu, um dia, também contigo, tentei.

## XII

Acordei em Lisboa com o barulho de abrirem  
um lençol molhado no céu  
e tentavam arrastar as colinas para o rio.  
Ao meu lado desenhavas  
as linhas de um mar apavorado  
mas grande demais para fugir.

Guardo junto a outros.  
Tudo o que me importa.  
Há uma caixa ali  
do lado esquerdo de quem está comigo  
onde estão quantos instantes iguais  
gravados nos milhares de fotografias  
digitais pelos turistas no mundo agora  
e eu. Tão madura, tão rude, inconstante  
cinquenta mil doçuras que te apavoram  
cinquenta mais cinquenta mil e duas paisagens com uma pessoa em frente.  
Ícone, um totem do igual  
queimado pelo vermelho do sol.

Ou que quer dizer isso?  
Esse lugar que desaparece com uma chuva fria  
os quatro dias dados aos combatentes do entretenimento  
seus pés que incham, desacostumados a andar  
e clicam. Para a tia que ainda existe, uma empregada atenta  
tua mão distraidamente na varanda da minha mão.

Como o vento grava em uma roupa  
um alvo é só um vulto.  
Que quer dizer isso?  
Um beijo, dado  
mais tarde.

### XIII

Quem reconhece a barbárie  
quando ela se precipita no show cotidiano?  
Virá a barbárie com código de barras ou máscaras?  
Hoje eu acordei na televisão dando recados:  
deixa, Júlia, a humanidade correr na arena da história.  
Sem preço. Levanta a capa vermelha pra que ela passe  
como um touro. Digo, sem precipitação:  
a humanidade não é um touro cinzento  
a humanidade é um jumento, meus caros.  
Papai me ensinou este lugar do ou-não.  
Sou capaz de ou-não cair neste lugar.  
Ou não. Piso muito livre.  
Chão, você continua sendo o melhor chão de todos.  
Se eu pudesse fazer da crueldade  
minha ternura, te oferecia.  
Chão, sinceramente, me sinto lisonjeada pela tua presença.  
Se me dizes luto, me diga estrela  
que eu pulo no jardim  
entre um cervo e um jacaré  
vejo a minha sombra e grito:  
só quando estou na Europa:  
Hölderlin? Tá falando com ele.

## Alforria blues

Este livro é inédito  
tipo a vida. Quem o escreveu  
fui eu  
que sou o espatifado do possível  
coração.  
Sempre sei que vai durar  
mas o meteoro me enriquece.

Atravesso a explosão aos poucos  
ponho a correspondência  
em dia.  
Nossa luz: estou cega —  
percebo assim — primeiro  
os objetos todos voam por cima  
como se fossem me entregar um presente que já chegou  
fico observando  
os seres que vieram viver dentro dos fios do meu cabelo  
— têm ritos, são estrelas.

Nasci de olhos abertos então fechei  
fechei até não poder mais  
a primeira planta que comprei em Portugal se chama  
comigo-ninguém-pode  
a segunda foi  
brinco-de-princesa.  
Acaso, te juro, as duas somadas dão o conhecimento da minha pessoa

diariamente  
há  
algo  
muito  
em aberto  
na minha  
vida  
muito  
em grande  
e é  
como  
se eu  
sentisse  
o bafo  
disso  
um bafo  
de estrela, diariamente

Como eu faço pra ter aquilo que já tenho?  
Se é gratuito, amor.  
Ter uma língua, abrir-se.

O elogio daquela elegância que só o movimento tem  
de ceifar o que não é.  
Todos aprendem a ruir  
sem serem capazes para tanto.  
Mas estou revirada de encontros.  
E não cogito mais servir ao medo.



Reconheço-o em mim como um animal ferido, o medo.  
O medo é aquele que não sabe por onde ir em mim.  
Está entorpecido de sono e tenta me excitar dizendo:  
precaução: mulher. Me diz até que não tenho mais um eixo  
onde as coisas cintilam por si.  
Mas eu sei que a bomba na mão que tenho sou eu  
que refaço a programação rítmica da minha destruição  
e determino a enseada, a encruzilhada, a imaginação  
que não são minhas, nem de ninguém.  
Feito o trovão. O poema vem como um cavalo.  
Ele é o céu.

E quem quiser falar no meu poema seja alguém de crença em coisas como  
os primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de seus mortos  
gritar para além da loucura terrestre.

E quem teme o excesso tem por destino o excesso  
há uma revolução em mim e tudo que acontece me comove  
pela superfície  
penso o destino como um queijo suíço  
pra mim é suficiente. Técnica e furo.  
E hoje não pode escurecer.  
Estou muito distante dos navios que me queriam levar  
mas tenho os homens no coração  
sem que ninguém caiba aqui comigo.  
Lembro que uns anos atrás escrevi que as novas pessoas da minha vida  
tão importantes tinham o mesmo nome  
o que faz das coisas que me acontecem agora

não tão novas, as coisas que me acontecem agora  
e nem o de antes, nem o pra depois, dão sabedoria que baste  
para entendimento e cargo  
talvez a juventude de um broto que estoura  
o caule forte da tua alegria, isto sim, ensine  
somos tão férteis, meus amigos,  
estão, estarão todos notando a massa de dispersão do azul?  
É o sangue do alazão.  
Quem já viu o encontro do rio Negro com o Solimões  
(eu vi no Google)  
sabe que estou falando de amor. O amor é um pássaro que vem nos ver.  
Escrevo sem parar que é pra amanhã não ter ideias.

A morte é uma sorte dos meus ancestrais, eu ainda não a tive.  
Não sei avisar a órbita dos planetas pra que parem.  
Noite dessas pari um acaso danado, depois percebi que era só a rua  
me deixando  
passar.

Já sou poeta e não sei já.

Privando de realidade o pensamento e de sentido a ação.  
Indo de costas para o que nada significa.  
No princípio era a dança e era a caça.  
E me poupem do barbarismo afetivo e frouxo desta geração.  
Hoje não pode escurecer.  
Espero que essa sorte dure até o apocalipse.

## XIV

Levantei-me com o cavalo  
os perigos da solidão a dois  
um sonho que não sei contar

não rolo mais entre as pedras  
dos sentidos, sou pelo vento,  
pelo sopro tua voz me ilumina.

Um coração que não tivesse centro.

XV

Vertigem viva a raiz vigia  
magia! Que já não tenho mais  
como dizer sem nós nos dedos  
é Ana — assumo  
quem me ensina  
a nascer

de novo, dançar de amor,  
até sem ti, menina errada,  
Ana do riso

teu risco  
foi discernir, diferir  
embriagar a autoridade de espelhos  
coração sem periferia, cansa  
Tanto que definir  
azul  
várias vezes te escape  
azul  
mulher  
partida  
coisas que nos combinam  
em gesto. E regresso.  
Embora — cada vez mais — eu goste  
de branco  
e vermelho  
de homem.

Meu verso é nossa declaração.

Ana, menina altera,  
toma a minha boca, fera,  
fere pelos dedos  
o tempo em que fazias destas comigo.  
Hoje eu, toda latifúndio do meu campo,  
Se temo, travo no bolso o trevo que tenho  
mastigo entre os dentes.  
Me digo: caminha, anda.  
Anda com Ana a errante  
entre os dedos dela: canta!

Tua ausência fertiliza  
o importante  
É não baixar a cabeça  
nem erguer demais  
os gritos por dentro  
Nem são indiferentes  
erros e acertos, Ana  
nossa!  
se pudesse te embalava  
a revolta pra fora.  
Como numa fossa  
acende o fumo  
na vitrola dá a corda  
se toca  
talvez a agudeza de tudo  
talvez a agulhada de tudo

não era pra deixar tão só.  
Não sejas tão tua  
viga de uma figa

Ana agitada  
viva! *Dans mon île*  
seja minha bossa  
sem tontura, dança?  
Salsa ou valsa  
dá banana!  
pra tortura que é do mundo  
Nossa resposta passa variada  
agarro quanto possa a varanda  
porque também, Ana seja!

Eu voo! por ter te escrito.

## XVI

Desde os dezesseis anos estou neste estacionamento.  
Viagens, lustres, dinheiro: nada: se fecho os olhos o que vejo são vagas.

Não me balizaram. Fui eu mesma  
vim viver aqui, não acredito mais, neste ângulo entre paredes.

Esperava deste parque aquele por quem a vida corria.  
Ir com ele. Como um cometa,  
uma pedra que me arrastava do centro, toda lançada,  
natural como as baratas que sobrevivem desde os dinossauros.

Um arco e duas flechas. Sismo veio  
todo o mundo do juízo, todo o meu poder de confissão.  
Encontros de concreto, folhas de eucalipto caindo, putrefação.

Do que restou interessa a voracidade da alegria  
um falar mais honesto emergirá na superfície  
a pérola homem que cresce por dentro das ostras, das minhas coxas  
transtorna o cotidiano  
que vivia feito um pombo preso no túnel e depois alcançou a plataforma do metrô.

Mas os pombos não migram e prendem nas patas as linhas das pipas.  
Do emaranhado solto o medo no meio e desfaço a tua relíquia.  
Não é a primeira vez que lanço um pássaro sobre ti.

## XVII

Lavei as cortinas de veludo azul.  
Dei meu armário pra um desconhecido  
que estava dentro de casa quando cheguei.  
É que eu não moro mais aqui.

Virei a cara pro poema  
atravessando a rua me atropelou.  
O silêncio vindo vinha  
vindo e me pegou.

A mera aparição do imprevisível  
me deixa contente.  
Mastigo um troço de cascalho  
e nunca quebro um dente.

Entre meus punhos cresce uma raiz  
e eu fecho os olhos pra que ela cresça.  
Ela ensina quando comem os cavalos  
que toda urgência desapareça.

Arar só sei o mar, do campo  
talvez eu procure os besouros  
tanto no meio do arbusto  
que acabe virando um



Terracota em rosa  
onde desde criança  
perco encontro  
acho, sou.

## XVIII

Saber das coisas não sei  
não. Tanto  
que tua voz entrecortada  
pelo vento  
parte em raio  
cúbicos de pele  
mãos, ossos, rastros  
pra indicar o caminho  
não tenho planos  
dons nos bolsos,  
não. Só raízes.

O raio abre  
o tronco em dois.  
Da metade árvore  
nasce um deus  
de patas firmes.  
Doce cavalo, peço  
com a tua língua impura  
por onde passar  
tece e cicatriza  
a folhagem, tremor.

Para o meu pai

A poeta subiu o monte  
olhou para os lados  
e se viu rodeada  
por capins.

## Munição

Imagine um mundo onde tudo é começo.  
Agora imagine o começo desse mundo.

Dentro de toda lacuna - - - não sei bem onde é que vivo, esse lance tão mútuo é capaz de me causar vertigens: como um cavalo que prende nos dentes a corda que leva outro cavalo e pula, puxando-o pelas barreiras os joelhos levantam o suficiente — ele pensa que seu companheiro está morto — mas ele estava enganado. Meus senhores, os cavalos também se enganam e este cavalo — o começo — embora estivesse lúcido não havia percebido que era a corda que ele agarrava pelos dentes que o puxava, não o contrário. Ambos, vivíssimos, saltaram as barreiras e alcançaram o começo do começar.

Estou bem aqui

Passei o dia desenhando sobre o Sr. Fernando Pessoa.  
Estou tentando alguma coisa honesta que acabe enfrentando as coisas.  
Porque há fantasmas demais neste mundo.  
E os nossos motivos fazem as coisas não funcionarem.

O Sr. Fernando Pessoa gosta imensamente de mim e garante que o Sr. Ricardo Reis teria gostado imensamente de mim se tivéssemos nos conhecido na temporada em que vivemos respectivamente em nossos países trocados.

O Sr. Fernando Pessoa, por mais que tentasse, o Sr. Fernando Pessoa não acordava diariamente e pensava Sou Português ao comprar pequenas coisas e discutir trocados. O Sr. Fernando Pessoa, se lesse a minha língua, pensava.

Não sei o que o Sr. Fernando Pessoa consideraria ao saber que nenhum brasileiro ao ouvir “o brasileiro” pensaria em algo além do povo ou de um indivíduo, e que nunca (a não ser a viver em Portugal), nunca pensaria que “o brasileiro” pode se referir ao idioma falado no Brasil. Será que o Sr. Fernando Pessoa, em seu escondido sem profundidade, sentiria uma ponta de orgulho por saber que falamos (nós?) português?

Ao Sr. Fernando Pessoa erguem-se monumentos — os monumentos ao Sr. Fernando Pessoa.

Também estimo o Sr. Fernando Pessoa e faço votos para que o Sr. Fernando Pessoa encontre o Sr. Fernando Pessoa a cantar com o Sr. Fernando Pessoa

enquanto bebe um café com o Sr. Fernando Pessoa vestindo uma camiseta do Sr. Fernando Pessoa e pense Ah! Bom mesmo era o Sr. Fernando Pessoa.

O Sr. Fernando Pessoa foi português.

## XIX

Um mal-entendido faz-te de cada jeito.  
Lembro dos cachorros que escapavam  
iam viver na rua de cima, sem asfalto.  
Menos me assustavam as ausências  
mas sim deixar a casa para trás  
e se entregar ao caminho  
que tinha uma vala tão grande na curva.  
Os cães voltavam caramelos como o chão  
e se eu ia lá chamar, mordiam-se as orelhas.  
Às vezes tinha que atirar cascalhos,  
fingida lançava, dissimulava pedras  
pra que eles corressem de mim.  
Foi o modo de ficarmos juntos.

XX

Seja lábio, lanterna  
adivinha o meu nome  
no céu, homem.

Treme não. O astro  
é barbárie, insolação  
rosto sem face. Mas

o mar quando escreve  
é um coração  
que não tivesse centro.

Que fosse capaz  
o mar de te deixar  
mesmo se, não deixava.

Vingava os olhos  
de tanto ver mexer  
pra te morder

a onda que abraça  
a galáxia ri  
muito branca.



## XXI

O céu que nos prometa um ano bêbado  
sem por enquanto  
um ano que diz ENTÃO MOSTRA  
e sacode feito leite as tetas que caem  
são nuvens  
de uma chuva dramática e sem aprendizagem.  
Eterno ser sem se apropriar  
da impossibilidade de organizarmos  
em formas calmas, permanentes, necessárias  
tanto você como também eu  
ou nós podemos pular e estaremos no alto  
através dele, este céu que nos promete  
Sou eu o messias e anuncio  
mais uma rodada de anos  
bêbados.

## XXII

O cosmos é alérgico, mas não se sabe a quê.  
Quando espirra é de onde cria o dia a dia.  
Então, a poesia.  
A poesia te obriga a lavar o camarim de deus.

Hoje fui ao supermercado.  
Eles vendem anjos naqueles *frezers*; congelados.  
Os anjos ficam lá dentro, fascinados pela luz branca.

Cansada de tanto registro e pouca edição  
a poeta então sobe  
dez metros  
cintila e EXPLODE.

## XXIII

Enquanto ele fala sobre um furacão e a força repentina que é nascer  
eu ouço. Ao seu lado o tempo, penso, passa em mim  
como uma poça de água parada  
por onde atravessou um caminhão.

Não sei pra onde  
dizem vão  
essas placas abandonadas  
nem porque elas ficam assim  
penduradas.

Ninguém salva ninguém de si mesmo  
brinca de farol, no máximo  
neon das estrelas do coração.

Ele abre a janela e sorri  
como o vento mostra os dentes do cavalo.  
Não olha assim, amor,  
depende tanto tudo, não esquece.

## XXIV

Então olhei pro mar e disse:  
tua umidade não me impressiona  
as cavidades do meu corpo  
contigo dividem  
a salina memória do futuro.  
A começar pelo coração  
granito da tua sístole-diástole  
o recorte verde onde acaba a praia  
e recomeça o teu dia a dia.  
Sou incapaz de assustar o caminho de alguém  
mas tão facilmente  
vou ferir a fera que vive em ti.  
Posso fazê-lo em sonoridade.  
Mergulhar  
dentro do meu tórax  
vivem canivetes que te assaltam  
quando respiro  
o amor que não me dás.

## XXV

Quem fundou esta cidade  
foi fundo o suficiente?  
Quem veio por aqui primeiro  
será que eram dois ou vinte ou duzentos  
estavam armados  
com mais fome do que fé?  
Calcularam pelos astros  
Ou vinham tranquilos  
gestantes do acaso  
nem se noticiaram a notícia da nova povoação  
foram percebendo aos séculos que ficavam, dias  
após  
que a cada noite dormiam  
todo solo tem um ímã que nos puxa ou repele  
Ou a cada noite dormiam mais tarde  
de tão próximos uns dos outros que estavam  
começavam a se identificar uns com os outros  
até que de outros viraram os mesmos  
um povo, uma língua, uma situação,  
porque tinham tanta noite por fazer e por falar  
Que brigavam  
por honra e tédio,  
nasceu a cidade.  
E bebiam vinho?  
E comiam batata?  
Só muito mais tarde amuraram

Notaram que o cume os defenderia?  
Ou subiram pelo esmero da montanha  
e as lavadeiras reclamariam  
de ter que viver ao topo e descer dia a dia,  
Ou naquele tempo as pessoas de nada reclamavam  
ou ainda não havia lavadeiras  
porque eram nômades e todos faziam de tudo  
ou porque nada limpavam  
Ou porque passavam o dia a se lavar  
gostavam da água, chapinhar, boiavam imensos  
abraços no rio, bolinhas pelo nariz  
e sempre muito limpos cheiravam uns as partes dos outros  
Com o mesmo amor de quando te olho de cima, cidade,  
notaram que você nem sempre esteve aqui  
embora esteja e estará por mais tempo do que eu,  
Não se devem comparar casas com homens, ruas com homens  
mas eu comparo tudo com homens  
e por vezes escolho as casas, os homens, as cidades  
mas quase sempre estou vendo a cidade por dentro dela demais  
e todo mundo sabe que um coração é um labirinto de monóxido de carbono  
que o digam os centros das nossas cidades  
Os centros das nossas cidades já não fedem a estrume  
embora neles floresçam outras pestes  
e enquanto olho atenta cidade por cima  
dá um vento aqui — é tão alto — e meus ossos doem por dentro.  
É inverno e o inverno nos enche de frio, de dúvidas e de ossos  
De se quando chegaram nesta cidade  
os primeiros habitantes

muito antes de ser uma cidade  
muito antes de haver habitantes  
quando lá descansaram — porque ainda não era  
aqui — a cidade não lá começou perto do rio? —  
um homem e uma mulher se comeram  
— como nós também — é inevitável —  
encontraremos cidades por fecundar.

## XXVI

Olhos que em terra firme pousaram  
olhando pra cima perguntaram  
Quem te ama, céu? Não te sentes só?  
Sem nenhum abraço?

Que a alma das montanhas é solteira  
faz sentir aquele cheiro fresco  
das ervas que são pisadas  
pelo caminho.

Ali havia uma vela acesa  
e todas as anêmonas  
já tinham secado ao sol de abril.

Entre as algas misturaste a cabeça.  
E do sal empedrando teus cabelos  
nasceram os pontos cardeais.

Trilhado pássaro, visita-me  
me despe das pragas  
sei que vou crescer  
não me vigia.

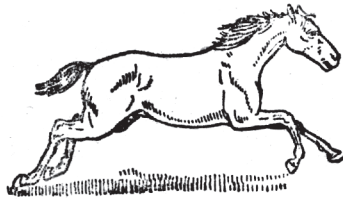
Um dia meu amor será  
os ossos do mar.





- I Como não sei onde vamos morrer 13
- II Meus lábios estão partidos e acho que me apaixonei 15
- III Espero a hora de dizer: o jeito que te vejo vivo em mim 16
- IV Naquela época eu acordava mais cedo do que eu 17
- V Ver até passar 23
- VI Lembro da primeira vez que consegui ler um *outdoor* 24
- VII Sou apenas um cavalo 26
- VIII O que eu acho que estou querendo agora é tão delicado 27
- Galope 29
- Catástrofe em Paris 30
- Agora mais sentimental 31
- IX Passo a manhã calculando a provável altura de um *tsunami* 32
- X O amor gasta 33
- XI Temes a noite onde os nomes não se registram nos radares 35
- XII Acordei em Lisboa com o barulho de abrirem 36
- XIII Quem reconhece a barbárie 38
- Alforria blues 39

- xiv Levantei-me com o cavalo 43
- xv Vertigem viva a raiz vigia 44
- xvi Desde os dezesseis anos estou neste estacionamento 47
- xvii Lavei as cortinas de veludo azul 48
- xviii Saber das coisas não sei 50
- Para o meu pai 51
- Munição 52
- Estou bem aqui 53
- xix Um mal-entendido faz-te de cada jeito 55
- xx Seja lábio, lanterna 56
- xxi O céu que nos prometa um ano bêbado 57
- xxii O cosmos é alérgico, mas não se sabe a quê 58
- xxiii Enquanto ele fala sobre um furacão e a força repentina que é nascer 59
- xxiv Então olhei pro mar e disse 60
- xxv Quem fundou esta cidade 61
- xxvi Olhos que em terra firme pousaram 64



Em papel Munken Pure 240 g/m<sup>2</sup>, a capa deste livro foi feita na tipografia d'O Homem do Saco (Rua do Saco, 42, Lisboa), e o miolo, composto em Goudy Oldstyle, foi impresso na gráfica Europress (Rua João Saraiva, 10A, Lisboa) em papel Coral Book Ivory 90 g/m<sup>2</sup>. A tiragem de 500 exemplares ficou pronta em abril de 2013, ano no qual se completam, respectivamente, 161 e 155 anos das primeiras greves operárias feitas em Portugal e no Brasil, ambas realizadas por tipógrafos. Há 292 anos ficava pronta a impressão dos oito volumes do *Vocabulário* de Bluteau e faz 37 anos que *Geraes*, de Milton Nascimento, foi lançado. Neste mesmo ano que corre, a metamorfose de Gregor Samsa completa 98 anos e o telescópio Hubble, 23 anos no espaço. Ano 457 da deglutição do bispo Sardinha, 2013 também é o ano no qual Jean-Arthur Rimbaud completaria 159 anos. Completam-se também 435 anos do desaparecimento de Sebastião de Portugal e 76 anos do de Amelia Earhart. Faz 336 anos que Leeuwenhoek observou em seu microscópio os animálculos que chamamos de espermatozoides e 508 anos que Dürer gravou o rinoceronte a partir de relatos sobre o animal, que chegou morto antes de conhecer o papa. O tabaco é fumado na Europa faz uns 500 anos, mas não se conhece a data exata. Sabe-se que a primeira tradução do *I Ching* para uma língua ocidental foi feita há 179 anos, e que data de 479 anos a chegada dos cavalos no Brasil, na vila de São Vicente.





ISBN 978-85-66421-03-3



9 788566 421033

